

REFLEXÕES SOBRE OS PROCESSOS FORMATIVOS DOS CONTADORES DE HISTÓRIAS: NARRATIVA E AUTOCONHECIMENTO

Simone Ribeiro Barros André*
Mairce da Silva Araújo**

Resumo

Este estudo tem os contadores de histórias como sujeitos de pesquisa. A partir das narrativas de seus processos formativos, coletadas por meio de entrevistas, tentamos identificar e compreender os diversos saberes que perpassam esta prática nos dias de hoje no Rio de Janeiro, consciente de que esses saberes atravessam e foram atravessados por outros tempos e lugares. A partir do relato dos próprios narradores, percebendo a contação de histórias em sua complexidade e considerando-a como prática social, cultural e educativa, centramos a atenção nos saberes, ações e processos de reflexão dos sujeitos envolvidos. Neste artigo apresentamos algumas reflexões da pesquisa, entrelaçando as narrativas dos/as contadores/as atuantes no Estado do Rio de Janeiro e os aportes teóricos, tais como Boaventura (2002), Benjamin (1994) Larrosa, que têm nos orientado nesse diálogo.

Palavras-chave: Narrativa. Contação de histórias. Processos formativos. Educação.

INTRODUÇÃO: OS PONTOS DE PARTIDA DA VIAGEM

Sempre compreendo o que faço depois que já fiz.
O que sempre faço nem seja
uma aplicação de estudos.
É sempre uma descoberta.
Não é nada procurado.
É achado mesmo.
(Manoel de Barros)

O caminhar da pesquisa pode ser compreendido como equivalente à trajetória de um personagem dos contos tradicionais, em que é recorrente a saída de seu lugar de origem em busca de soluções para questões ou problemas. E foi como andarilha que fui construindo como proposta investigativa, no Mestrado em Educação: processos formativos e desigualdades sociais, o recolhimento de narrativas de contadores de histórias contemporâneos, buscando focar a questão: *O que narram os narradores de histórias sobre seus processos formativos?*

Assim como o texto narrativo literário se estrutura a partir de uma situação de equilíbrio - que é desestabilizada por um determinado fator, gerando uma caminhada em busca de resoluções - as minhas indagações como contadora de histórias e as demandas encontradas nessa prática, principalmente professoras interessadas

* Mestranda em educação UERJ- FFP. simone.andre@gmail.com

** Pós- Doutora em Educação UNICAMP – SP. mairce@hotmail.com

em formarem-se contadoras, me impulsionaram às questões de pesquisa sobre a formação do/da contador/a de histórias, a atuação e significância nos espaços em que operam. Ampliando tais questões, também trago ao diálogo reflexões sobre minha própria ação de contadora de histórias e professora.

Para melhor explicitar meu ponto de partida para este trabalho, apresento a seguir o meu lugar de origem, o lugar de onde parti.

1. ERA UMA VEZ...

Em 1999, estudante da Faculdade de Letras, ingressei no programa de extensão LER-UERJ e, desde então, a literatura, a narrativa e a oralidade vem fazendo parte de minha trajetória de forma ainda mais intensa. A partir das experiências neste programa, surgiu o grupo “Escuta Só- contadores de histórias” com o objetivo de incentivar a leitura em espaços diversos. Como o nome mesmo indica, compartilhamos no grupo - formado de início apenas por bolsistas do programa LER-UERJ- a ideia de ser preciso retomar a atenção para a escuta, uma escuta que chamamos de “sensorial”, pois consiste em ouvir com o corpo todo, incluindo os textos, a escuta de si mesmo e principalmente do outro.

O trabalho no Programa de Leitura da UERJ trouxe para todos do grupo uma relação com a literatura e leitura que se espalhava pela vida, em espaços que iam além da escola por ruas, barcas, comunidades, maternidades, CRIAMs (Centro de Recuperação de Menores Infratores) e hospitais. Em todo lugar levávamos uma história, uma poesia, um conto e essa era a forma de aproximação com o outro, de suas aflições, de suas alegrias, de suas superações. A realidade com a qual nos deparávamos era muitas vezes dolorosa, mas havia algo quase que litúrgico - uma espécie de liturgia cotidiana nas nossas trocas literárias - menos pela canonização das obras e mais pela experiência viva dos sentidos que

eram comungados entre leitores (narradores e públicos). Desde então, a demanda de convites aumentou e o grupo se mantém atuante contando histórias, tanto nas salas de aula como professores ou convidados, quanto em outros espaços como bibliotecas, feiras de livros, eventos, parques, livrarias.

Desde 2006 o grupo atua com os mesmos integrantes e em 2010 completamos 10 anos desde a sua fundação. Porém, o interesse particular nesta pesquisa teve início em 2009, quando aumentaram os convites para ministrar oficinas de contação de histórias. A demanda das oficinas deu início a inquietações quanto à prática, dentre elas, algumas indagações que foram crescendo ao longo dos anos de trabalho: Como e por que é realizada a prática de contação de histórias hoje? Como os contadores veem a sua prática? Se a partir da década de 90 houve um “boom de contadores de histórias”¹ (SISTO, 2001), o que mudou ao longo dos 20 anos de retomada da prática dos contadores de histórias? Que papéis cumprem os contadores de histórias hoje? O que perpetua esta prática? O que forma um contador de histórias? O que este retorno à narração e esta continuidade da prática diz sobre a atualidade?

2. CONSTRUINDO OS CAMINHOS INVESTIGATIVOS:

“O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes.”(Benjamin)

Se, por um lado, a prática da contação de histórias trouxe demandas no sentido de uma compreensão mais ampla do processo vivido, a descoberta de tantos/as outros e outras contadores/as que teorizaram sobre esta arte trouxe a precisão do diálogo. Dos poucos contatos com os/as demais contadores/as de histórias do Rio de Janeiro, veio a necessidade de estruturar melhor os

conhecimentos que iam sendo produzidos a partir das práticas, assim como buscar outras fontes para uma melhor fundamentação e desenvolvimento do trabalho.

A busca dessas fontes como um caminho “quase” natural, que nos conduziu às narrativas de contadores de histórias contemporâneos - com depoimentos a partir de quem compõe esse *saberfazer* - teve como intuito proporcionar o conhecimento das diferentes perspectivas sobre a prática da contação de histórias e possibilitar um diálogo entre as abordagens.

A definição dos sujeitos da pesquisa como sendo os/as próprios/as narradores/as se estabelece a partir de dois tipos de relatos: um abrangente e outro mais específico. Os dados - ainda em processo de coleta - no primeiro caso, provêm de entrevistas semi-estruturadas, buscando analisar nas narrativas de experiências, os percursos de formação e modos de aprendizagem de três dos/das contadores/as de histórias que atuam como formadores e fomentadores desta prática no Rio de Janeiro.

Além de tais entrevistas semi-estruturadas, também convidamos outros/as contadores/as de histórias, que se auto-identificam como tal e desenvolvem a contação como atividade lúdica, remunerada ou não, em diversos espaços da sociedade, a narrarem suas experiências formativas a partir da questão: *O que vale a pena ser lembrado de seu processo formativo?*

A própria seleção do que contar representa uma forma de análise, pois para cada narrador/a possibilita-se a reflexão sobre um fato marcante relatado. Neste sentido, conforme Josso (2010), compor a pesquisa a partir das narrativas dos sujeitos contribui para que tais vivenciais atinjam “o status de experiência a partir do momento que fazemos certo trabalho reflexivo sobre o que se passou e sobre o que foi observado, percebido e sentido.” (JOSSO, 2010, p. 48).

3. REPERCUSSÕES: TEÓRICOS E NARRADORES

“Se quiser falar ao coração dos homens há que se contar uma história. Dessas onde não falem animais, ou deuses e muita fantasia. Porque é assim – suave e docemente- que se despertam consciências”.
(Jean de La Fontaine)

Pensar a prática da contação de histórias como espaço de conhecimento e experiência, a partir das narrativas de contadores/as de histórias, desafiou-me a buscar alguns aportes teóricos, tais como: Boaventura (2002), Benjamin (1994) Larrosa, (2002), Kramer (2000) para que me ajudassem na construção do diálogo a ser travado com as narrativas dos/as entrevistados/as.

Como ponto de partida, procurei em outros contadores de histórias que se aventuraram na produção escrita de suas experiências e reflexões, responder à pergunta: O que é a contação de histórias? Em princípio, o termo “Contação de Histórias” é definido como um neologismo para o ato de expor contos por meio da figura do narrador que dá voz às histórias. Porém, percebendo que esta nomenclatura não abrange o que o ato em si representa, encontro em Patrini² (2005, p. 19) uma melhor definição para contadores de histórias como: “alguém que, com o seu poder de sedução, nos conduz a conhecer mistérios, despertando nos homens a curiosidade e a imaginação criadora.” É desta ação que pretendo tratar e é sobre estas experiências dos/das narradores/as que este estudo se desenvolve, percebendo a contação de histórias a partir do uso da oralidade nas narrativas literárias, sejam elas histórias tradicionais ou autorais.

Dialogar com as experiências dos/das contadores/as de histórias pressupõe também recuperar como, historicamente, essa prática foi sendo construída pela humanidade. Benjamin (1994) traz uma contribuição fundamental em sua denúncia sobre “a extinção da arte

de narrar”, desvelando o silenciamento que vai sendo imposto a toda uma geração. Destaca o autor que, por meio das marcas e dos horrores da guerra, somados à extinção dos processos de produção artesanais, as vozes das experiências foram sendo emudecidas.

Desde a segunda guerra, os/as narradores/as seguiram entre as ações e contradições do início do século XX. Porém, a partir da década de 60 os movimentos sociais trouxeram a possibilidade de retomada da palavra. Patrini (2005) relaciona a retomada do conto, como prática oral na França, à forma de expressão do maio de 1968. O movimento da juventude, que não fora restrito àquele país posto que disseminou ações em diversas partes do mundo, é identificado como uma reação contra o *status quo*, em prol da luta pela liberdade de expressão e escolhas. No Brasil, mesmo com a dura condição de censura, a arte também serviu como instrumento para a expressão de protesto.

Este movimento de retomada da palavra, como indica a autora (PATRINI, 2005, p. 38) era um “movimento de idéias que exigia o reposicionamento do imaginário no campo simbólico de nossa sociedade”, e serviu de pano de fundo para a retomada da palavra como expressão. O movimento intitulado “Renovação do Conto” (PATRINI, 2005) embasado pelo objetivo de dessacralizar a palavra escrita e retomar a palavra popular, faz ressurgir o contador de histórias na França. No Brasil, a retomada - tal como ela se apresenta hoje - chegou um pouco mais tarde, em meados da década de 80, quando os grupos de contadores de histórias começaram a se disseminar³ (MATOS, 2005). Podemos demarcar o momento histórico da retomada democrática do país com as eleições como ponto de confluência para esta prática.

Acrescentando compreensões acerca da contação de histórias como prática, não apenas no interior, mas principalmente nas grandes cidades, encontramos na terminologia apresentada por Patrini (2005) “a prática

social do reconto” outros sentidos importantes. Acredito ser esta acepção adequada para apresentar as dimensões que pretendemos discutir neste trabalho.

A nomenclatura “prática social do reconto”, nos ajuda a perceber o caráter social que tem se intensificado nos últimos anos tanto no Brasil, quanto no mundo. Enquanto “prática social”, a contação de histórias nos remonta à sua representatividade não apenas nas culturas de tradição orais, como também nas sociedades de cultura escrita. Deixa de ser representativa apenas do interior, dos campos, ou dos locais em que a oralidade se faz mais presente e passa a participar das condições de vida das grandes cidades. A prática social do reconto inclui: a escolha do repertório, estudo do texto ou da história a ser contada, o encontro com o público e a possibilidade de ser realizada em diferentes espaços e por diferentes pessoas.

Em relação à contação de histórias como prática social, pode-se estabelecer uma semelhança entre a experiência e o sentido. Se Benjamin (1994) já aponta a pobreza da experiência como característica da modernidade, Larrosa (2002) tece argumentos sobre a urgência da retomada da ligação entre o conhecimento e a experiência. Compreendendo a experiência como o conhecimento que nos é transmitido pelos sentidos, o autor também atesta seu caráter excepcional na atualidade. Neste processo, o saber, como simples fonte de informação, torna-se gerador de uma necessidade de apreensão, hoje distante das descobertas e da criação inerentes ao conhecimento. Este modo de condicionar o saber à informação ou à opiniões esvaziadas de sentido geram um sujeito sem reflexão, um sujeito pautado em reflexos instantâneos de respostas, um sujeito que se infesta de conhecimento sem nenhuma atuação em sua vida prática. E, ao mesmo tempo, um sujeito coletivo que atua apenas como suporte da opinião pública.

E quando a informação e a opinião se sacralizam, quando ocupam todo o espaço do acontecer, então

o sujeito individual não é outra coisa que o suporte informado da opinião individual, e o sujeito coletivo, esse que teria de fazer a história segundo os velhos marxistas, não é outra coisa que o suporte informado da opinião pública. Quer dizer, um sujeito fabricado e manipulado pelos aparatos da informação e da opinião, um sujeito incapaz de experiência. (LARROSA, 2002, p. 22).

Sobre esta discussão, encontro ressonância na obra de Boaventura Santos (2002), quando o autor afirma que o conhecimento é construído por cada indivíduo. Para tal afirmação tem-se o conceito de conhecimento, não como algo que seja transmitido, mas sim como algo que é produzido a partir da realidade de cada um. Por isso, diz o autor, o conhecimento é autobiográfico, ou seja, é intransferível. Logo, o novo paradigma da educação proposto pelo autor citado pressupõe uma construção de consciências, onde os valores são trabalhados. Daí a relação entre as histórias, ou as narrativas, e a transmissão de valores. Se as narrativas são histórias exemplares, que a partir da sabedoria humana se construiu e se constrói arquétipos e se transfere conhecimentos, então, a palavra e a ação nas histórias se fazem tão imbricadas quanto o conhecimento e a experiência.

Esta ideia de construção do conhecimento também se faz presente na escrita de um dos entrevistados, Gregório (2011, p. 93):

Somos aquilo que vamos adquirindo ao longo da vida. Os primeiros jogos, as brincadeiras, as cantigas, os contos vão imprimindo em nós um pouco daquilo que vamos ser quando adultos. Não somos passivos às experiências e, a cada uma aprendida, incorporamos informações, transformamos, acrescentamos parte da nossa própria “herança” e vamos construindo nosso jeito de nos olhar e de olhar o mundo. Produzindo saber, saberes, comprometidos com nossa época e lugar.

Este saber experiência como um saber particular, subjetivo e relativo, está presente na relação entre o/a contador/a de histórias e seu público. A experiência estética possibilita, mesmo que muitos assistam a mesma

história narrada e compartilhem sentidos, a criação de sentidos próprios. Girardello⁴ (2009) complementa no que diz respeito à relação entre a contação de histórias e a experiência, tratando especificamente de uma experiência comum: “A pessoa que conta e a que escuta uma história compartilham da mesma clareira imaginativa durante os minutos que dura a narração. Ainda que as imagens mentais sejam únicas para cada uma, entre elas vibra a centelha de um sentido comum.” (GIRARDELLO, 2009, p.1).

Segundo Machado⁵ (2004), o encontro entre o/a narrador/a e ouvinte gera uma conversa significativa entre a narrativa e o espaço interno de cada um. Dessa forma, as histórias, por colaborarem na criação de imagens internas, representam maneiras de mediação entre a experiência estética das narrativas e as experiências do leitor ouvinte. Benjamin (1994) diz “que quanto mais o ouvinte se perde de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido”. (p.204).

O prazer estético, que engloba o sensorial, possibilita uma relação direta da experiência da obra com a experiência de si mesmo. Neste sentido, a reciprocidade acontece também para o contador de histórias. Nos aportes teóricos dos/as contadores/as de histórias (PATRINI, 2005; GIRARDELLO, 2004; MACHADO, 2004; MATOS, 2005; SISTO, 2001) percebemos que a experiência estética da contação de histórias é ressaltada. Também nas entrevistas, já realizadas, encontramos como discurso comum entre os contadores, sujeitos da pesquisa, a relação entre a escolha do repertório e a suas histórias de vida. Tal reciprocidade nos possibilita a compreensão acerca da relação entre experiência e sentido também na ação do contador de histórias.

Segue-se o exemplo a partir do trecho da entrevista com Gregório⁶(2011), que inicia sua narrativa afirmando “O contador de histórias o tempo todo está contando a história dele. Eu posso contar aqui a história de Ilfá... Após narrar a história de Ilfá⁷. prossegue:

Quando estou contando esta história do folclorista eu estou trabalhando poesia, revelando a palavra, a palavra que encanta, que produz sentido, os significados da origem da palavra. Mas ao mesmo tempo eu estou revivendo momentos que eu vivi em minha trajetória de discriminação, por causa da minha roupa, da minha aparência e também estou pensando na diferença social. Destas relações sociais, das desigualdades, dos preconceitos, na relação de conceituar pela aparência do outro. [...] Na ação, eu puxo um episódio que aconteceu e vou revelando um momento da minha trajetória, puxo outro episódio, outro episódio, aí encontro uma fábula, encontro um poema, uma música. [...] Um pedaço da minha vida. [...] É a minha vida. (Trecho de entrevista. GREGÓRIO, 2011)

Larrosa (1999, p. 48) afirma que “o sentido do que somos depende das histórias que contamos e das que contamos a nós mesmos [...], em particular das construções narrativas nas quais cada um de nós é, ao mesmo tempo, o autor, o narrador e o personagem principal”. Parece ser este o mesmo sentido apresentado por Gregório (2011): “Na ação, eu puxo um episódio que aconteceu e vou revelando um momento da minha trajetória, puxo outro episódio, outro episódio, aí encontro uma fábula, encontro um poema, uma música. [...] Um pedaço da minha vida. [...] É a minha vida”. Desta forma, compreendemos a ligação entre a escolha do repertório e o conhecimento, a relação direta entre experiência e sentido no ato de contar histórias, tal como é destacada por Santos (2002) em sua afirmação de que todo o conhecimento é autobiográfico.

A ideia do autoconhecimento é estabelecida a partir da busca por um raciocínio menos cartesiano, que distancia ou separa o sujeito da produção e criação do conhecimento, apartando a ciência dos valores humanos. Pulverizar a dicotomia entre sujeito e objeto é parte deste raciocínio. Nesse encontra-se a noção de que o objeto ou o conhecimento é continuação do sujeito, portanto, autobiográfico. Desta forma, o saber e o conhecimento compartilhados nas narrativas literárias se fazem experiências referenciadas pela vivência dos narradores no próprio ato de contar histórias.

Cabe à ciência e ao conhecimento o retorno ao ético, por ser este último um representante do caminho para o desenvolvimento consciente do homem, em busca de sua total e plena autoconsciência. Em se tratando de conhecimento, também na educação torna-se necessário aproximar-se dos conceitos de alteridade e autonomia. Destacando o valor autobiográfico da contação de histórias e a consciência desta representatividade, Gregório (2011, p. 97) afirma em seu livro: “É preciso ouvir e contar histórias, ouvir as histórias dos outros e ordenar as suas próprias.”

Boaventura (2002) também destaca, diante da perspectiva do paradigma emergente, a importância do conhecimento-emancipação que aposta na solidariedade como forma de saber. Esta troca possibilitada pela arte de forma geral e pela narração de histórias em particular pode representar a solidariedade.

A este respeito, a entrevistada Ramalho⁸ narra sobre a empatia causada pela troca de experiências entre narrador e ouvinte. A narradora traça um paralelo entre as obras de Guimarães Rosa e a relação do homem na construção de conceitos e opiniões, nas construções de pré-conceitos ou de afetos. Em uma composição e valorização de um olhar mais complacente para com o outro, a entrevistada narra:

Ramalho: tem essa coisa da primeira leitura que você faz, que é a primeira camada, o Rosa (Guimarães Rosa), fala um pouco disso. No “Grande Sertão” ele trabalha nas camadas (de sentidos) e, à medida que você vai lendo mais a obra do Rosa, de um modo geral, você vai entrando nas camadas. Aí começa a ver: “Nossa nunca tinha prestado atenção nisso aqui”, você vai descendo. (aprofundando a leitura e produzindo novos sentidos). Acho que a primeira impressão que a gente tem das pessoas sempre é que impede. (...) Eu acho que as histórias permitem e, no caso, as histórias de vida. Como eu contava a minha história, eu te revelava o que eu tinha de mais precioso. (...)Então, acho que as histórias podem ajudar a gente a revelar outras camadas. Pra perceber o quanto a gente é preconceituoso. O Sotigui falava isso, que quando você olha o outro, você normalmente não percebe

mas, quando você olha um pouco mais, você vai se reconhecer de algum modo, você acha alguma coisa em comum. (Trecho de entrevista: Ramalho)

A identificação do narrador com a história narrada, percebida como parte de sua própria memória, nos remete ao conceito de experiência como algo que “nos atravessa”, como nos ensina Larrosa (2002). A busca se faz por inverter o valor do homem moderno que tem como base a ação, como aquele que a tudo procura e conquista. Na voz da narradora “as histórias podem ajudar a gente a revelar outras camadas”, percebemos a contação de histórias como um caminho para o encontro com o sujeito que é afetado - no sentido de afeto. Assim como “O sujeito da experiência é um sujeito ‘ex-posto’” (idem, p.22). Esta exposição se liga à ideia da empatia, da capacidade de se colocar no lugar do outro, como nos dizia Ramalho, “que quando você olha o outro, você não percebe isso, mas, quando você olha um pouco mais, você vai se reconhecer de algum modo, você acha alguma coisa em comum”.

Percebendo, portanto, em ambos narradores o caráter da fruição estética, possibilitados pela arte literária de forma geral, ampliamos o olhar para as possibilidades de vivência estética compartilhada por meio das narrativas orais, no ato em si da contação de histórias. Soma-se ainda a criação deste espaço de reconhecimento do outro, que é reiterado como fator essencial da educação e formação do sujeito, tal como nos apresenta Kramer:

Ora, a humanidade não resolveu seus mais básicos problemas de aceitação do outro, de reconhecimento das diferenças e de garantia da pluralidade, e é contra a injustiça e a desigualdade que marcam a história humana que precisamos direcionar todas as nossas ações educacionais e culturais. (KRAMER, 2000, p.24)

Se a literatura apresenta possibilidades de um contato mais amplo e polissêmico, a narração de histórias

acrescenta à essa a possibilidade de um contato-fruição, para além das condições pedagogizantes comumente trabalhadas nas escolas; dada a importância das histórias e da literatura como parte do processamento na compreensão do mundo. E, compreendendo o caminho das narrativas literárias como um local onde se encontram: as normas sociais, a formação de estruturas psíquicas, a elaboração do emocional e da memória, podemos pensar igualmente na narrativa como promotora de diálogo entre o que se passa fora e o que se passa no interior do ouvinte.

Retomando a epígrafe que abriu essa seção “Se quiser falar ao coração dos homens há que se contar uma história. Dessas onde não falem animais, ou deuses e muita fantasia. Porque é assim – suave e docemente- que se despertam consciências” (La Fontaine), entendemos que o “despertar das consciências”, suave e docemente, a partir da contação de histórias, pode colaborar para a formação de um ser sensível. E, tal como nos aponta um Griot, contador de histórias africano: “Ser sensível é não esquecer de si na procura de escutar o que se passa fora.” (KOUYATÉ: 2004, p. 73 apud BERNAT, 2008, p. 15).

O presente estudo abre caminho para a percepção da prática da contação de histórias como espaço para uma utopia tão distante de práticas pedagógicas recorrentes no cotidiano escolar. Corroborando assim com o pensamento de Arroyo (2009), quando este elabora a crítica ao estatuto pedagógico do qual a escola é cenário e nos instiga à reflexão sobre a função hegemonicamente reguladora a qual tem se ocupado a pedagogia.

Neste sentido, cabe à literatura e à prática da contação de histórias ocupar o espaço da utopia, um espaço em prol da “humanização, resgate da experiência humana, conquista da capacidade de ler o mundo, de escrever a história coletiva, de expressar-se, criar, mudar.” (KRAMER, 2000, p. 24)

REFLECTIONS ON THE FORMATIVE PROCESSES OF STORYTELLING: NARRATIVE AND SELF-KNOWLEDGE

Abstract

This study has storytellers as a trial of research. From the narratives of storytelling of formative process, gathered through interviews, we try to identify and understand various ways of knowledge that underlie this practice nowadays in Rio de Janeiro, being aware that the knowledge over passed by other ages and places. From reports of storytellers themselves, knowing storytelling in its complexity and considering it as a social, cultural and educational practice, we center the attention in knowledge, actions and processes of storytellers. This article presents some reflections on the wraps the narrative of the working of storytellers into the theoretical support such as Boaventura Santos (2002), Benjamin (1994) Larrosa,(2002) who has guided us in this dialogue.

Keywords: Narrative. Storytelling. Formative processes. Education.

NOTAS

- ¹ Celso Sisto é escritor, ilustrador, contador de histórias do grupo Morandubeté (RJ), ator, arte-educador, especialista em literatura infantil e juvenil, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e responsável pela formação de inúmeros grupos de contadores de histórias no Brasil.
- ² Maria de Lourdes Patrini escreveu “A renovação do Conto: emergência de uma prática oral”, tese de doutoramento em Antropologia Social, em que estudou os novos contadores de histórias na França, 2002.
- ³ Gislayne Matos, é arte-educadora e contadora de história responsável por fomentar a prática da narração em Belo Horizonte com os projetos Convivendo com Arte e Noite de Contos, além de coordenadora da pós-graduação “Arte e educação da palavra oral à escrita” na PUC de Minas Gerais.

- ⁴ Gilka Girardello é contadora de histórias, pesquisadora e mantém na Universidade Federal de Santa Catarina fundadora do projeto “Barca dos Livros” e do grupo “Roda de Histórias” que mantém encontros mensais com contadores da cidade na universidade há 14 anos.
- ⁵ Regina Machado é pesquisadora, contadora de histórias, autora e curadora do Encontro Internacional de Contadores de Histórias de Boca do Céu, suas pesquisas de mestrado e doutorado tratam dos contadores de histórias, na perspectiva da arte-educação.
- ⁶ Francisco Gregório Filho é um dos sujeitos entrevistados na pesquisa. Contador de histórias e escritor, responsável pela formação ou estímulo à prática de contação de histórias de grande contingente de contadores de histórias, ministrando oficinas em todo o país desde a década de 90 e formador de Casinhas de leitura no Acre.
- ⁷ Um conto popular compilado por Ítalo Calvino, que está no livro: *Fábulas Italianas*, editado pela editora Companhia das Letras. (Indicação do próprio narrador).
- ⁸ Daniele Ramalho é uma das entrevistadas, sujeito da pesquisa. Contadora de histórias, atriz e produtora cultural, atualmente diretora da Biblioteca Parque da Rocinha no Rio de Janeiro. Formada em artes cênicas com bacharelado em interpretação pela UNI-RIO.

REFERÊNCIAS

- ARROYO, M. A infância Interroga a pedagogia. In: SARMENTO; GOUVEA (Org.) *Estudos da Infância: educação e práticas sociais*. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 119-140.
- BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BERNAT, I. *O olhar do Griot sobre o ofício do ator- uma reflexão a partir dos encontros com Sotigui Kouyaté*. 2008. 292 f. Tese (Doutorado em Teatro) Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.
- GIRARDELLO, G.; FOX G. A narração de historias na sala de aula. In: GIRARDELLO, G. (Org.). *Baús e chaves da narração de histórias*. Santa Catarina: SESC, 2004. p. 116-152.
- GREGÓRIO, F. *Ler e contar, contar e ler: caderno de histórias*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2011.
- JOSSO, M. *Caminhar para Si*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.
- KRAMER, S. Leitura e escrita como experiência – notas sobre seu papel na formação. In: ZACCUR, E. (Org.) *A magia da linguagem*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000, p. 101-121.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 19, jan./abril, p. 20-28, 2002.

LARROSA, J. *Pedagogia profana: danças piruetas e mascaradas*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

MACHADO, R. *Acordais: fundamentos teóricos-poéticos da arte de contar histórias*. São Paulo: DCL, 2004.

MATOS, G. *A palavra do contador de histórias: sua dimensão educativa na contemporaneidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PATRINI, M. *A renovação do conto. Emergência de uma prática oral*. São Paulo: Cortez Editora, 2005.

SANTOS, B. *A crítica da razão indolente contra o desperdício da experiência*. São Paulo: Cortez, 2000.

SISTO, C. *Leitura e Oralidade. Contar histórias – Da oficina à sinfonia in Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias*. Chapecó: Argos, 2001.

Enviado em 13 de maio de 2012.

Aprovado em 11 de dezembro de 2012.